

VERBOS ANTICAUSATIVOS E DEPENDÊNCIA MORFOLÓGICA

João Paulo Lazzarini-Cyrino¹

jpcyrino@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda as marcas de verbos anticausativos, que apresentam duas características cruciais: dependência morfológica e sincretismo, especialmente com marcas reflexivas. Por meio de uma abordagem em Morfologia Distribuída e recorrendo a desenvolvimentos recentes a respeito de Caso e Rotulação (Saito, 2014), chega-se a uma explicação dessas propriedades. O artigo mostra, portanto, que dependência morfológica não é uma evidência necessária para a abordagem Lexical de certas categorias.

PALAVRAS-CHAVE: valência; sincretismo; afixo.

INTRODUÇÃO

Uma das propriedades cruciais do modelo da Morfologia Distribuída é a de que a derivação tanto de sentenças como de palavras se dê por meio de estrutura sintática. Dessa forma, as unidades mínimas com que a derivação sintática trabalha não são núcleos que equivalem a palavras, mas feixes de traços abstratos que equivalem a morfemas. Evidências para o tratamento uniforme de sintagmas e morfemas podem ser vistas desde Chomsky (1970), para quem concorda com sua leitura proposta em Marantz (1997), ou - de forma mais clara - em Anderson (1982).

Nesse sentido, um fenômeno curioso que se observa ao comparar as línguas é o de que categorias expressas por morfemas (formas dependentes) em algumas línguas podem, em outras, se expressarem como palavras (formas independentes). Podemos mencionar, por exemplo, a categoria de tempo/aspecto, que é expressa por morfemas em algumas línguas, e por verbos auxiliares em outras². Outro exemplo interessante é o das preposições, que veiculam valores que em algumas línguas são expressos por marcas de caso, como os casos dativo, locativo, ablativo, instrumental, e tantos outros observados nas línguas do mundo.

¹ Doutorando pela Universidade de São Paulo. Este artigo é parte do projeto de pesquisa de doutorado apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2011/21973-1.

² Essa diferença pode ser vista dentro da própria língua, como no famoso caso do presente/passado do inglês expresso morfológicamente, e o futuro, expresso pelo auxiliar *will*.

Mais um exemplo é a categoria de definitude, que em algumas línguas - como o próprio português - se expressam como artigos definidos e em outras, como as línguas escandinavas e o armênio, por sufixos.

Esses exemplos mostram que, se palavras e sentenças são derivadas em componentes diferentes, se assumíssemos uma visão Lexicalista bastante radical, seria difícil determinar universalmente quais categorias são derivadas em cada componente. Por outro lado, existem algumas categorias possivelmente candidatas a serem universalmente expressas como formas morfológicamente dependentes, tais como marcas de concordância ou de plural. Obviamente, a simples existência desse tipo de categoria não constitui uma evidência a favor da dicotomia Léxico-Sintaxe, contanto que modelos como a Morfologia Distribuída possam fornecer explicações para a sistemática dependência morfológica dessas categorias.

Neste artigo trago o caso das marcas vistas em verbos anticausativos entre as línguas. Exemplos seguem abaixo:

- (1) a. El jarrón se rompió. (espanhol)
O vaso DEC quebrou.
“O vaso (se) quebrou.”
- b. K’ar-i da-i-gh-a. (georgiano)
Porta-NOM PVB-DEC-abrir-3s.
“A porta (se) abriu.”
- c. Dükkana kapa-n-di. (turco)
Loja fechar-DEC-PRET.
“A loja fechou.”

Essas marcas apresentam duas características notáveis. A primeira é a de que são morfológicamente, ou ao menos morfo-fonologicamente, dependentes em praticamente todas as línguas observadas, ocorrendo na forma de afixos, clíticos ou pronomes-fracos. A segunda é a de que sempre são marcas sincréticas, compartilhadas especialmente por verbos reflexivos e, em alguns casos, com passivos. A sistemática dependência morfológica dessas marcas poderia constituir uma evidência de que a categoria de anticausatividade (ou redução de valência) seja algo derivado em um componente como o Léxico. Por outro lado, o sincretismo dessas marcas com construções reflexivas, como se mostrará adiante, mostra que seria impossível - se assumimos uma análise uniforme - que essas marcas sejam derivadas sem a

existência de estrutura sintática ao seu entorno. Por conta disso, cabe a nós explicar o porquê de sua dependência morfológica, e esse é o objetivo central deste trabalho.

Para chegar a essa explicação, no entanto, é necessário compreender exatamente o que está em torno do fenômeno da anticausatividade e o porquê do compartilhamento sistemático das marcas desses verbos por verbos em construções reflexivas.

1. O QUE SÃO VERBOS ANTICAUSATIVOS?

Podemos mencionar duas definições de verbos anticausativos. Existe, por um lado, uma definição predominantemente semântica e bastante abrangente que tem sido utilizada de forma muito extensiva na literatura gerativista (Alexiadou & Anagnostopoulou 2004, Embick 1998, 2004, Kallulli 2006, Schäfer 2007, entre muitos outros). Segundo essa definição, anticausativos compreendem um subconjunto dos verbos inacusativos que não expressam o desencadeador/causa do evento. Normalmente se considera esse tipo de verbo como a contraparte intransitiva da denominada alternância causativo-incoativa, como se observa abaixo:

- (2) a. O João quebrou o vidro.
b. O vidro quebrou. (Anticausativo)

Há, no entanto, uma definição mais restritiva do que é um verbo anticausativo. Trata-se da primeira definição do termo, encontrada em Nedjalkov & Silnickij (1969):

*“O membro não-causativo de uma oposição, que é **formalmente marcado** por meio de um AFIXO ANTICAUSATIVO será chamado ANTICAUSATIVO.”*

(Nedjalkov & Silnickij, 1973³)

O que é importante dessa definição é que ela considera que anticausativos são marcados e que, embora não citado acima, anticausativos são parte do que os autores denominam oposições ou alternâncias direcionais, em que um dos membros é morfologicamente mais complexo que o outro. Na verdade, o que mais chama a atenção sobre os anticausativos nos

³ Nedjalkov & Silnickij (1973) é a versão em inglês de Nedjalkov & Silnickij (1969), escrito originalmente em russo. O texto encontrado na versão de 1973 é: “The non-causative member of an opposition which is formally marked by means of an anticausative affix will be said to be an anticausative.”

trabalhos de tipologia linguística (Haspelmath 1987, 1993, Kulikov 2000) é o fato de que anticausativos são morfologicamente mais complexos e semanticamente menos complexos do que as suas contrapartes.

Essa definição é particularmente interessante, pois configura uma classe de marcação verbal que apresenta propriedades muito peculiares. Antes de mencioná-las, no entanto, cabe trazer algumas considerações sobre os tipos de alternâncias de valência verbal. Essa tipologia é encontrada em Nedjalkov & Silnickij (1969), e em uma versão aprimorada em Haspelmath (1993). Para esses autores existem dois super-tipos de alternância de valência verbal: as Direcionais e as Não-Direcionais.

Começemos pelas Não-Direcionais. Essas alternâncias são aquelas em que ambos os membros são iguais em termos de complexidade morfológica. Em outras palavras, não é possível estabelecer, por critérios morfológicos, se um membro é derivado do outro. Essas alternâncias ocorrem em dois tipos entre as línguas. O primeiro deles é o Lábil, em que ambos os membros não são marcados com relação a valência. O exemplo em (2), repetido abaixo, é um caso de alternância lábil:

- (3) a. O João quebrou o vidro.
b. O vidro quebrou.

O segundo tipo é caracterizado pela marcação dos dois membros, cada um com uma marca diferente. O exemplo que se segue abaixo é do persa, uma língua que apresenta muito frequentemente esse tipo de alternância, denominada Equipolente:

- (4) a. Kimea kare ab **kard**.
Kimea manteiga derreter TRANS.
“Kimea derreteu a manteiga.”
b. Kare ab **shod**.
Manteiga derreter INTRANS.
“A manteiga derreteu(-se).”

Como se pode observar, a complexidade morfológica dos verbos é a mesma: ambos são formados pelo verbo em si (ab) e um auxiliar, que pode ser *kard*, para a valência transitiva, causativa, e *shod*, para a intransitiva, não-causativa.

As alternâncias Direcionais, por outro lado, caracterizam-se pela marcação de apenas um dos membros. Dessa forma, é possível estabelecer que um dos membros é morfologicamente derivado do outro. Essas alternâncias dividem-se em Causativa, em que o membro morfologicamente mais complexo é o transitivo, causativo e em Anticausativa, em que o membro mais complexo é o intransitivo, anticausativo. É possível ilustrar esses dois tipos de alternância com exemplos do turco, uma língua que apresenta ambos:

- (5) a. Araba dur-du.
Carro parar-PRET.
“O carro parou.”
- b. Polis araba-yı dur-**dur**-du.
Polícia carro-ACU parar-CAUS-PRET.
“A polícia parou o carro.”
- (6) a. Mehmet dükkana-sı-nı kapa-dı.
Mehmet loja-sua-ACU fechar-PRET.
“Mehmet fechou sua loja.”
- b. Mehmet'-in dukkana-sı kapa-**n**-dı.
Mehmet-GEN loja-sua fechar-DEC-PRET.
“A loja do Mehmet fechou.”

Em (5) encontra-se a alternância Causativa, em que a contraparte não-marcada do verbo é intransitiva e a contraparte marcada, com o morfema *-dur*, é transitiva. Em (6) vemos a alternância Anticausativa, com a contraparte não-marcada transitiva e a marcada, com o morfema *-n*, intransitiva. O termo anticausativo segundo a definição clássica, portanto, somente se aplica a verbos como em (6b) e nunca aos em (3b) e (4b).

Há, como mencionado anteriormente, duas propriedades peculiares às marcas de verbos como em (6b). A primeira delas é a Dependência Morfológica, e a segunda, o Sincretismo.⁴

⁴ Existem casos em que alternâncias decausativas envolvem marcas não sincréticas e possivelmente independentes morfologicamente. Trata-se das construções perifrásticas, muito comuns em inglês, holandês, entre outras línguas. Um exemplo do inglês pode ser visto em “*My invite got lost in the mail.*” Nesses casos, no entanto, cabe ter em conta que a alternância para uma valência não-ativa já se dá na própria troca do verbo principal por um participio passivo (lost, broken, opened, etc.), estando o auxiliar mais relacionado a propriedades aspectuais do evento. Esse tipo de alternância perifrástica não gera, portanto, um verbo anticausativo, mas uma construção anticausativa por um processo mais complexo que não pode ser comparado, sem as devidas ressalvas, com os verbos anticausativos analisados neste artigo, em que apenas uma marca (que não altera a categoria do verbo) está envolvida. É interessante observar também que enquanto as construções

Ambas as propriedades estão inter-relacionadas e portanto, são abordadas a seguir em uma única seção.

1.1 A DEPENDÊNCIA MORFOLÓGICA E O SINCRETISMO DAS MARCAS DECAUSATIVAS

As marcas que ocorrem em sentenças com verbos anticausativos, marcas decausativas, apresentam a notável característica de se apresentarem como morfologicamente dependentes. Até o momento, apresentamos as marcas presentes nos demais tipos de alternância também como sendo morfemas dos verbos com que se combinam. Entretanto, enquanto algumas dessas marcas dependem do verbo para ocorrerem, outras tem um status independente ou, ao menos, não parecem estar em um domínio estritamente local do verbo, podendo ter, por exemplo, escopo sobre coordenações de verbos.

Tomemos as marcas das alternâncias equipolentes do persa. Essas marcas são consideradas verbos auxiliares do tipo *fazer*, no caso transitivizador, e *ser*, no caso detransitivizador (cf. Key, 2012). Um teste que mostra como elas não estão no domínio morfológico, i.e. o domínio mais local, do verbo que marcam é o da coordenação. No caso da coordenação de dois verbos, essas marcas podem ocorrer duas vezes, seguindo cada verbo, ou uma única vez, com escopo sobre ambos os verbos:

- (7) a. Kare ab shod u gostarde shod.
Manteiga derreter INTRS e espalhar INTRS.
“A manteiga derreteu e se espalhou.”
- b. Kara ab u gostarde shod.
Manteiga derreter e espalhar INTRS.
“A manteiga derreteu e se espalhou.”

O mesmo também ocorre com o verbo *faire*, em francês, considerado uma marca causativa (Haspelmath, 1993)⁵.

perifrásticas estão disponíveis como única estratégia de decausativização em algumas línguas (inglês, lezguiano), como também ocorre com as passivas (inglês, holandês), elas são possíveis mesmo em línguas que apresentam marcas anticausativas nos verbos propriamente (holandês, georgiano, turco, etc.) assim como existem línguas que permitem passivas verbais e perifrásticas (russo, polonês, georgiano, etc.).

⁵ Ao contrário das construções anticausativas perifrásticas mencionadas na nota anterior, as construções causativas do francês são derivadas por apenas uma marca, o auxiliar *faire* e a ocorrência do verbo principal como um infinitivo não altera sua valência. Isso as permite serem comparadas, por exemplo, com os verbos causativos do turco apresentados em (5) e (9).

- (8) a. On **fait** fondre et **fait** bouillir le chocolat.
 IMP CAUS derreter e CAUS ferver o chocolate.
 “Derreteu e ferveu o chocolate.”
- b. On **fait** fondre et bouillir le chocolat.
 IMP CAUS derreter e ferver o chocolate.
 “Derreteu e ferveu o chocolate.”

A coordenação de dois verbos sobre o escopo de uma única marca causativa, como se vê em (b), só é possível porque essa marca causativa não está no domínio morfológico do verbo. Em línguas em que a marca causativa é um afixo, como ocorre com a marca -dIr em turco, para que se preserve a leitura causativa de cada verbo, a marca teria que ocorrer nos dois:

- (9) a. Polis onu dur-**dur**-du ve öl-**dür**-dü.
 Polícia 3s.ACU parar-CAUS-PRET e morrer-CAUS-PRET.
 “A polícia parou-o e matou-o.”
- b. Polis onu dur-du ve öl-**dür**-dü.
 Polícia 3s.acu parar-PRET e morrer-CAUS-PRET.
 “A polícia parou e matou-o.”
 * “A polícia parou-o e matou-o.”
- c. Polis onu dur-**dur**-du ve öl-dü.
 Polícia 3s.ACU parar-CAUS-PRET e morrer-PRET.
 “A polícia parou-o e morreu.”
 * “A polícia parou-o e matou-o.”

Marcas decausativas, até onde se observou, sempre ocorrem como afixos, clíticos ou pronomes fracos, apresentações morfológicas que sugerem algum tipo de dependência, se não estrutural, ao menos fonológica de uma palavra (cf. Cardinaletti & Starke 1996). O mais curioso, no entanto, é que essas marcas normalmente são sincréticas com marcas reflexivas, como se pode observar nos dados abaixo de diversas línguas:

- (10) a. La vitrine s’est brisée. (francês)
 A vitrine dec.é quebrada.
 “A vitrine quebrou.”

- b. Marie s'est lavée.
 Maria REFL.é lavada.
 “A Maria se lavou.”
- c. Dver' otkryla-s'. (russo)
 Porta abriu.FEM-DEC.
 “A porta abriu.”
- d. Anna odevala-s'.
 Ana vestiu.FEM-REFL.
 “A Ana se vestiu.”
- e. Dükkana kapa-n-ıyor. (turco)
 Loja fechar-DEC-PRES.
 “A loja está fechando.”
- f. Mehmet yıka-n-ıyor.
 Mehmet lavar-REFL-PRES.
 “Mehmet está se lavando.”
- g. Ts'ari do-i-bu. (laz)
 Água.ABS PVB-DEC-espurrar.
 “A água espirrou.”
- h. Bere-k i-dziru.
 Criança-ERG REFL-ver.
 “A criança está se vendo.”

Contudo, não são quaisquer marcas reflexivas que podem ser compartilhadas por verbos anticausativos. Uma importante observação sobre marcas reflexivas é a de que elas podem se apresentar de duas formas distintas entre as línguas (Faltz 1977, Haiman 1983, Kemmer 1993): uma forma longa, em termos fonológicos, e outra forma curta. Pode-se dizer que a forma curta é dependente morfologicamente, conforme apontam dois testes (cf. Lubowicz 1999; Kapitonov 2008; Lazzarini-Cyrino 2013). Ilustramos esses testes comparando o comportamento do pronome fraco *zich* ao da forma longa *zichzelf* do holandês:

(11) *Teste 1: Impossibilidade de ocorrer independentemente.*

- a. Wie heeft hem gewassen? - Zichzelf.
 Quem há ele lavado? - REFL.
 “Quem ele lavou? - Ele mesmo.”

- b. Wie heeft hem gewassen? - *Zich.
 Quem há ele lavado? - REFL

(12) *Teste 2: Coordenação com outros DPs:*

- a. Hij heeft zichzelf en Piet gewassen.
 Ele há REFL e Piet lavado.
 “Ele lavou ele mesmo e o Piet.”
- b.* Hij heeft zich en Piet gewassen.
 Ele há REFL e Piet lavado.

Do Teste 1, a conclusão é um tanto óbvia: as marcas curtas diferem-se das marcas longas em termos de dependência. Essa dependência, no entanto, pode ser consequência de diversos fenômenos, tanto estruturais como semânticos. Por exemplo, um predicado como uma preposição, ou então uma conjunção jamais ocorrem sozinhos em uma sentença e, provavelmente não pelas mesmas razões que marcas como *zich* também não ocorrem.

Do Teste 2, no entanto, podem ser extraídas algumas implicações mais interessantes. Pode-se dizer, em termos semânticos (ver Chierchia 2004), que uma marca como *zich* reduz o predicado verbal, tornando indisponível a posição de argumento interno. Existem três formas de compreender isso em termos morfossintáticos, e duas envolvem dependência da marca. Por um lado, pode-se seguir a própria análise de Chierchia (2004), de que a marca *zich* é o expoente de uma operação lexical de Redução. Sendo assim, *zich* é derivada no Léxico. Há, por outro lado, duas alternativas de análise Sintática para o fenômeno. A primeira delas envolve dizer que *zich* é um núcleo funcional que impede, de alguma forma, a projeção do argumento interno do verbo (ou do argumento externo, sob uma Análise Inacusativa dos Reflexivos, cf. Marantz 1984, Embick 1998). Nesse caso, a dependência morfológica não é propriamente garantida. A segunda, que mostraremos ser a mais adequada de todas, é analisar *zich* como uma anáfora ocupando uma posição argumental inicialmente, da mesma forma que *zichzelf*, mas que sofre um processo sintático de incorporação/reanálise morfológica. Dessa forma, a incorporação/reanálise morfológica dessa marca não seria possível em contextos de coordenação por violar o *Coordinated Structure Constraint* (Ross, 1967), que descreve a impossibilidade de se extrair elementos de uma estrutura coordenada.

Concluindo, o Teste 2 implica em dependência morfológica das marcas reflexivas curtas de acordo com duas das três análises possíveis mencionadas aqui. Mais adiante descartaremos a análise da marca enquanto categoria funcional, que não garante essa

dependência. Sendo assim, consideremos que essas marcas são, realmente, dependentes morfológicamente.

O que é importante ao se considerar o sincretismo entre anticausativas e reflexivas é que apenas as marcas reflexivas curtas, ditas aqui, morfológicamente dependentes, são as compartilhadas com verbos anticausativos. A comparação abaixo mostra essa observação em diversas línguas:

Língua	Marca Longa	Marca Curta	Marca Decausativa
Italiano	sé stesso	sì	sì
Francês	lui-même	se	se
Tcheco/Croata	sebe	se	se
Polonês	siebie	sie	sie
Russo	sebja	-sja/sʹ	-sja/sʹ
Alemão	sich selbst	sich	sich
Holandês	zichzelf	zich	zich
Dinamarquês	sig selv	sig	sig
Grego	to eafto tu	conc. não-ativa	conc. não-ativa
Albanês	vetë	conc. não-ativa	conc. não-ativa
Turco	kendini	-n	-n
Georgiano	POSS+tav	-i- (+ tav)	-i-
Laz	POSS+tav	-i-	-i-
Hebraico	ec ‘acmo	padrão <i>hitpael</i>	padrão <i>hitpael</i>

Tabela 1: Marcas Reflexivas e Decausativas

Dessas observações, ficam, portanto duas questões as quais responderei no restante do artigo. A primeira é por que as marcas decausativas são sistematicamente compartilhadas com marcas reflexivas e a segunda é, por que as marcas reflexivas compartilhadas por anticausativos são sistematicamente as marcas curtas, ou, em nossa concepção, morfológicamente dependentes?

Na seção que se segue abordo algumas propriedades das marcas reflexivas trans-linguisticamente que evidenciam que a melhor forma de analisá-las é (i) sintaticamente e (ii) como argumentos do verbo, e não como categorias funcionais.

2. MARCAS REFLEXIVAS CURTAS SÃO ARGUMENTOS

Enquanto que a literatura não deixa dúvidas de que marcas reflexivas longas (do tipo *zichzelf*) devem ser tratadas como argumentos do verbo (cf. Haiman 1983, Kemmer 1993, Reinhart & Reuland 1993, Reuland 2011, entre muitos outros e em diversas perspectivas), há diversas dúvidas a respeito de como se analisar as marcas curtas (do tipo *zich*).

Foi mencionada na seção anterior a proposta de Chierchia (2004), compartilhada em certa medida por Reinhart & Siloni (2004, 2005). Essa proposta é uma proposta Lexical para a derivação das marcas reflexivas curtas. Analisam-se essas marcas como sendo expoentes de uma operação de Redução, que absorveria o argumento interno do verbo. Sem entrar propriamente no mérito da análise, que certamente apresenta previsões interessantes, é importante ter em conta que uma análise Lexical para esse tipo de marca só é possível se essa marca tem escopo única e exclusivamente sobre o predicado a que se aplica. Nesse sentido, uma importante objeção trazida em Reinhart & Siloni (2004) diz respeito à reflexivização em contextos de Marcação Excepcional de Caso, tais como vistos abaixo:

- (13) a. O João se considera inteligente.
b. O Pedro se viu saindo de casa.

Nas duas sentenças acima, pode-se dizer que o clítico reflexivo *se* do português não está reflexivizando os verbos, propriamente, mas sim, co-indexando o sujeito do predicado primário ao sujeito do predicado secundário:

- (14) a. O João_i considera [*se*_i inteligente].
b. O João_i viu [*se*_i saindo de casa].

A derivação Lexical de marcas como *se* é inviável, pois trata-se de uma marca que se relaciona a predicados distintos, requerendo estrutura sintática para ser derivada. A questão é que esse tipo de construção é bastante produtivo com marcas reflexivas curtas que são clíticos ou pronomes fracos, inviabilizando a análise Lexical para essas marcas. Há uma discussão, por outro lado, iniciada no próprio trabalho de Reinhart & Siloni (2004), sobre se a análise Lexical pode se aplicar, ao menos, às marcas afixais. Em Lazzarini-Cyrino (2013), no entanto, mostra-se que é possível derivar as diferenças entre clíticos/pronomes fracos e afixos reflexivos com relação à ocorrência em contextos de ECM sem recorrer ao Léxico. Se isso é

possível, considerando a economia de primitivos, não há razões para se preservar a análise Lexical.

Há outra possibilidade de analisar as marcas reflexivas curtas, bastante comum na literatura. Trata-se de uma implementação sintática da Redução de Chierchia (2004). Esse tipo de análise considera que as marcas reflexivas são categorias funcionais que impedem a projeção do argumento interno (Reinhart & Siloni 2004, 2005) ou externo do verbo. São análises intransitivas para os verbos reflexivos e, enquanto a primeira, inergativa, é menos comum, a segunda, inacusativa, é facilmente encontrada em trabalhos que abordam o sincretismo entre reflexivas e anticausativos (Marantz 1984, Embick 1998, 2004, Doron 2003, Kallulli 2006, entre muitos outros).

Um importante problema das análises intransitivas para os reflexivos foi detectado em Alboiu, Barrie & Frigeni (2004). Ocorre que é possível encontrar, dentro de uma mesma língua, argumentos tanto para análises inacusativas como para análises inergativas, tornando o status das construções reflexivas um tanto quanto paradoxal. Por exemplo, enquanto em italiano, construções reflexivas e verbos inacusativos se identificam na seleção do auxiliar *essere* ao invés de *avere*, reservado para inergativos e transitivos, um teste crucial de inacusatividade em italiano, a cliticização com *ne* (cf. Burzio, 1986), não se aplica a verbos reflexivos:

(15) *Seleção de Auxiliares:*

- | | | |
|----|---|-----------------------------|
| a. | Gianni è arrivato.
Gianni é chegado.
“Gianni chegou.” | Inacusativo - <i>essere</i> |
| b. | Gianni si è lavato.
Gianni SE é lavado.
“Gianni se lavou.” | Reflexivo - <i>essere</i> |
| c. | Gianni ha lavorato.
Gianni há trabalhado.
“Gianni trabalhou.” | Inergativo - <i>avere</i> |
| d. | Gianni ha letto un libro.
Gianni há lido um livro.
“Gianni leu um livro.” | Transitivo - <i>avere</i> |

(16) *Cliticização com ne*

- a. Ne sono arrivati tre.
NE são chegados três.
“Três deles chegaram.”
- b. *Se ne sono vestiti tre.
Três NE são vestidos três.

A seleção de auxiliares também não constitui um argumento pro-inacusatividade dos reflexivos se levarmos em conta línguas como o alemão e o holandês, em que reflexivos não selecionam o auxiliar correspondente ao *essere* italiano, mas sim a *avere*. Abaixo seguem exemplos do holandês:

- (17) a. Jan is aangekomen. Inacusativo - *zijn*
Jan é chegado.
“Jan chegou.”
- b. Jan heeft zich gewassen. Reflexivo - *hebben*
Jan há SE lavado.
“Jan se lavou.”
- c. Jan heeft gewerkt. Inergativo - *hebben*
Jan há trabalhado.
“Jan trabalhou.”
- d. Jan heeft en boek gelezen. Transitivo - *hebben*
Jan tem um livro lido.
“Jan leu um livro.”

Além disso, há línguas que possuem marcas reflexivas de longa distância (cf. Reinhart & Reuland 1993) e uma interessante observação é que essas marcas podem coincidir em forma com as marcas reflexivas curtas ao invés de coincidir com as longas. Isso ocorre de forma produtiva nas línguas germânicas em que a marca curta é um pronome fraco (ver também Haspelmath, 2005), como o *zich* holandês, que vem sido citado aqui. Os dados seguem abaixo:

- (18) a. **Maria_i** vroeg **Piet_j** om **zich_{i/*j}** te zien in de spiegel.
 Maria pediu Piet para REFL INF ver em o espelho.
 “A Maria pediu para o Piet a ver no espelho.”
- b. **Maria_i** vroeg **Piet_j** om **zichzelf_{*i/j}** te zien in de spiegel.
 Maria pediu Piet para REFL INF ver em o espelho.
 “A Maria pediu para o Piet se ver no espelho.”

O desafiador dessas construções, também reconhecido em Doron & Rappaport-Hovav (2009), é que - se *zich* fosse uma marca funcional - seria esperado que a reflexivização envolvesse o sujeito do verbo o qual *zich* está marcando. O que acontece em holandês é algo inesperado quando se analisa essa marca como funcional: no caso de dois verbos, se *zich* marca o segundo verbo a reflexivização não atinge esse verbo, mas se estabelece uma co-referência entre o sujeito do primeiro verbo e *zich*, interpretado como o objeto do segundo verbo, conforme visto em (18a) acima. A forma plena *zichzelf*, que é considerada um argumento pleno (Reinhart & Reuland 1993) é, na verdade, a co-referente com o sujeito do segundo predicado. Dessa forma, *zichzelf* é que poderia - nesse caso - ser analisada como uma marca funcional.

Mais um fenômeno interessante que não propriamente serve de evidência contra o status funcional das marcas reflexivas curtas, mas que corrobora a transitividade de reflexivos com essas marcas são as construções reflexivas do georgiano. Nessa língua todos os verbos reflexivos são claramente transitivos, isso é evidenciado pelo fato de sempre apresentarem o objeto direto *tav*, que pode vir acompanhado de um pronome possessivo - no caso de marcação reflexiva longa - ou do afixo pré-radical verbal -i-, que configura uma estratégia de marcação curta. Vejamos abaixo:

- (19) a. Elene tav_i tav-s k'rit'ik'eb-s.
 Helena POSS.3S(REFL) REFL-ACU criticar-3s.
 “A Helena está criticando a si própria.”
- b. Elene tav-s i-k'rit'ik'eb-s.
 Elene REFL-ACU REFL-criticar-3s.
 “A Helena está se criticando.”
- c.* Elene i-k'rit'ik'eb-s.
 Helena REFL-criticar-3s.

Os dados mostram as duas estratégias, longa (a) e curta (b), e a impossibilidade de somente manter a marca reflexiva -i- na estratégia curta (c). Uma análise intransitiva para reflexivos com a estratégia curta (-i- + tav) em georgiano seria inviável.

Até o momento é possível concluir que uma análise intransitiva para construções reflexivas com as marcas curtas encontraria diversos problemas que inviabilizariam a sua aplicação a um grande número de línguas. Resta-nos, portanto a terceira opção, a análise transitiva dos verbos reflexivos que apresentam essas marcas. Essa opção envolveria dizer que as marcas reflexivas curtas apresentam o mesmo status que as longas: ambas são argumentos dos verbos. O que as diferenciam são algumas propriedades de domínio de ligação, foco e, principalmente para os nossos propósitos, a dependência morfológica, que impede - por exemplo - a coordenação das marcas curtas com outros DPs.

Para não desviar o foco dos verbos anticausativos, lidarei com essa análise em conjunto com a análise para as marcas decausativas na seção que se segue. Isso trará a resposta para a primeira pergunta formulada ao fim da seção 1.1: por que marcas reflexivas curtas são sistematicamente compartilhadas com verbos anticausativos.

3. DERIVANDO VERBOS ANTICAUSATIVOS

Voltando aos verbos anticausativos, uma característica crucial desses verbos - levando em conta a definição clássica - é que eles são necessariamente derivados de uma base verbal não-marcada e transitiva. Nesta seção mostro que é possível entender que as marcas desses verbos são, na realidade, expletivos ocupando as posições de argumento externo que são necessariamente projetadas por certos tipos de verbo ou uniões de certos tipos de verbo e de argumentos internos. Esse status das marcas decausativas as torna especialmente compatíveis em termos abstratos com as marcas reflexivas, explicando a sistematicidade do sincretismo.

Consideremos o status dos verbos anticausativos. Anticausativos são derivados em uma alternância dita direcionada. Alternâncias direcionadas supõem um verbo não-marcado morfológicamente que deriva outro, marcado morfológicamente. O primeiro passo para compreender o tipo de marcação que os verbos anticausativos apresentam é entender o que ocorre na não-marcação. Por um lado, como mostrado anteriormente, as contrapartes não-marcadas de verbos anticausativos são verbos transitivos. Esse é o caso mais óbvio. Mas ocorre que em algumas línguas a mesma base verbal está sujeita a alternâncias diferentes. Concretamente, observa-se diversos casos de bases verbais que podem passar por alternâncias direcionais ou lábeis, a depender do seu argumento interno.

Esse tipo de fenômeno é comum em alguns verbos do grego. Nessa língua, alguns verbos podem ocorrer tanto em alternâncias lábeis como em decausativas. Em algumas classes, se o argumento interno do verbo for inanimado, tanto a alternância lábil como a decausativa são possíveis. Se o argumento interno for animado, no entanto, apenas a alternância decausativa ocorre. Pode-se verificar isso com o verbo *leroso* (sujar), conforme apontado em Alexiadou & Anagnostopoulou (2004):

- (20) a. O Iannis leroxe to trapezomandilo.
 O Ianni sujou a toalha-de-mesa.
 “O Ianni sujou a toalha de mesa.”
- b. To trapezomandilo leroxe/leroth-ike apo mono tou.
 A toalha-de-mesa sujou/sujou-DECAUS por si só.
 “A toalha de mesa sujou (por si só).”
- c. O Iannis leroth-ike/*lerose.
 O Ianni sujou-DECAUS/sujou.
 “O Ianni se sujou.”

(Alexiadou & Anagnostopoulou 2004: 21a, b, 22b)

Seguindo um raciocínio mais funcional (Givon, 1990), é possível compreender que a marcação dos verbos em uma alternância está de acordo com a marcação cognitiva do evento (ver também Haspelmath, 1993). Isso implica em dizer que a informação sobre o evento codificada no verbo também codifica um contexto com relação à sua estrutura de argumentos e se esse contexto não é seguido propriamente na estrutura atual, ela deve ser marcada. Nesse raciocínio, alternâncias lábeis indicariam que o verbo não apresenta nenhuma especificação com relação à estrutura de argumentos, e alternâncias direcionais indicam justamente o contrário.

Seguindo esse raciocínio, o exemplo do grego acima mostra que a expectativa por uma determinada estrutura de argumentos pode ser obtida estruturalmente: a união de um verbo com seu argumento interno pode determinar a necessidade de um argumento externo. Essa é uma importante conclusão obtida também em Rappaport-Hovav & Levin (2011), com outros dados. No caso do grego, o verbo *leroso* (*sujar*) por si só não apresenta nenhum requerimento de estrutura de argumentos, mas no momento em que se une com um argumento interno animado, a estrutura resultante passa a esperar um argumento externo e, caso esse argumento externo não ocorra, a estrutura deve ser marcada, caracterizando a alternância decausativa.

Alguns outros verbos em grego, no entanto, não apresentam nenhuma exigência com relação ao argumento externo, independentemente do argumento interno que tomam. Isso é possível observar em verbos que sofrem alternâncias lábeis independentemente do argumento interno que tomam:

- (21) a. To koritsi kokkinise ti zografiki.
 A menina envermelhou o quadro.
 “A menina envermelhou o quadro.”
- b. I zografiki kokkinise.
 O quadro envermelhou.
 “O quadro envermelhou.”
- c. To koritsi kokkinise sa parapuna.
 A menina envermelhou como papoula.
 “A menina envermelhou-se como uma papoula.”

Não se deseja aqui discorrer longa e detalhadamente sobre aspectos semânticos envolvidos nas alternâncias de estrutura argumental, mas apenas mostrar que algumas observações semânticas juntamente com os fenômenos apresentados acima sugerem que as alternâncias direcionais estão a serviço de preservar uma estrutura de argumentos. As marcas, então, ocorrem para suprir a ausência de um argumento. Para tornar isso mais claro, seguem casos em que o verbo pode apenas ocorrer em alternâncias direcionais: não há labilidade envolvida.

O turco pode ser considerado uma língua em que não se observam alternâncias lábeis. É possível observar alguns casos isolados de equipolência (*öğrenmek*, aprender; *öğretmek*, ensinar), mas alternâncias lábeis não ocorrem. Nessa língua, então, de acordo com o raciocínio construído até agora, pode-se dizer que toda estrutura de evento formada com um verbo transitivo deve ser transitiva. Se esse verbo transitivo ocorre em uma estrutura com apenas um argumento, isso deve ser marcado para preservar sua transitividade. Isso ocorre, por exemplo, com o verbo *açmak* (abrir):

- (22) a. Mehmet kapı-yı aç-tı.
 Mehmet porta-ACU abrir-PRET.
 “Mehmet abriu a porta.”

- b. Kapı aç-ıl-di.
 Porta abrir-DECAUS-PRET.
 “A porta (se) abriu.”

O oposto também é verdadeiro. Se um verbo é intransitivo, em todo contexto que ocorrer não deverá projetar um agente. Sendo assim, o verbo *durmak* (parar) sempre deve ser marcado se um agente está envolvido no evento:

- (23) a. Araba dur-du.
 Carro parar-PRET.
 “O carro parou.”
- b.* Polis araba-y₁ dur-du.
 Polícia carro-ACU parar-PRET.
- c. Polis araba-y₁ dur-dur-du.
 Polícia carro-ACU parar-CAUS-PRET.
 “A polícia parou o carro.”

Considerando que no caso da alternância direcional Decausativa as marcas ocorrem para preservar a transitividade do verbo, qual seria a função da marca na alternância direcional Causativa? Seguindo a lógica de que as marcas das alternâncias direcionais ocorrem para preservar a estrutura sintática projetada pelo verbo, é possível concluir que marcas Causativas não fazem o verbo intransitivo projetar outro argumento, mas o associam a um evento externo de causação. Preserva-se, dessa forma, a intransitividade do verbo. No caso das alternâncias decausativas, para preservar a transitividade do verbo, um argumento externo é projetado, mas atua como um expletivo, não sendo interpretado. É possível pensar, então, que a marca decausativa seja um expletivo.

3.1 UMA ANÁLISE TRANSITIVA PARA OS ANTICAUSATIVOS

O caráter expletivo das marcas decausativas é formalizado inicialmente em Schäfer (2007), tendo em conta o sincretismo entre verbos reflexivos e anticausativos em alemão. Marcas decausativas em alemão são compartilhadas com marcas reflexivas que ocorrem em muitos contextos que sugerem seu comportamento argumental. Alguns deles foram

mencionados aqui, tais como as anáforas de longa distância e reflexivização em ECM. Além disso a seleção de auxiliares da língua mostra algo muito interessante.

Da mesma forma que em Italiano e Francês (Burzio, 1982), em alemão o tempo passado composto pode ser formado com dois tipos de auxiliares: *sein* (ser) e *haben* (haver). No entanto, ao contrário do Italiano e do Francês, *sein* ocorre somente com inacusativos não-marcados e não com aqueles marcados pela marca decausativa/reflexiva *sich*. Verbos anticausativos (inacusativos marcados) comportam-se, nesse sentido, como verbos transitivos: formam seu passado composto com o auxiliar *haben*⁶. Veja abaixo:

- (24) a. Er **ist/*hat** angekommen.
Ele é/*há chegado.
“Ele chegou.”
- b. Er **hat/*ist** die Tür geöffnete.
Ele há/*é a porta aberta.
“Ele abriu a porta.”
- c. Die Tür **hat/*ist** sich geöffnete.
A porta há/*é DECAUS aberta.
“A porta abriu.”

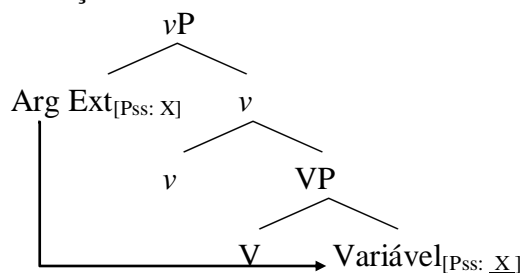
Tendo esses fatos em conta, Schäfer (2007) propõe que marcas decausativas em alemão são, na verdade, argumentos que ocupam a posição de argumento externo do verbo. Como sua forma é compartilhada com a de marcas reflexivas (anáforas), ambas compartilham do mesmo status: marcas de verbos anticausativos são variáveis na posição de argumento externo.

Variáveis podem ser definidas como sendo NPs com traços-fi defectivos (cf. Chomsky 1981, Bouchard 1984). Em termos de Agree (Chomsky 2001, 2008), pode-se considerar que variáveis atuam como sondas para traços-fi de pessoa, de forma que podem ter tais traços valorados por um DP que apresente esses traços, em uma relação análoga à de concordância (Heinat 2006, Reuland 2001)⁷. Disso derivariam as restrições de localidade do Princípio A.

⁶ O mesmo fenômeno também é observado em outras línguas germânicas, concretamente o holandês, o dinamarquês/norueguês/sueco e o islandês.

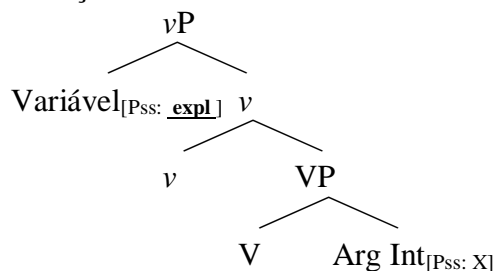
⁷ Enquanto para as primeiras propostas de variáveis e defectividade de traços-fi (Chomsky, 1981; Bouchard, 1984), as categorias que representam variáveis eram NPs, com a proposta da categoria D, passou a ser mais interessante considerar variáveis reflexivas como DPs (Heinat 2006), especialmente por definições como em Pesetsky & Torrego (2007) de que Determinantes naturalmente carregam traços-fi não valorados.

(25) Construção Reflexiva



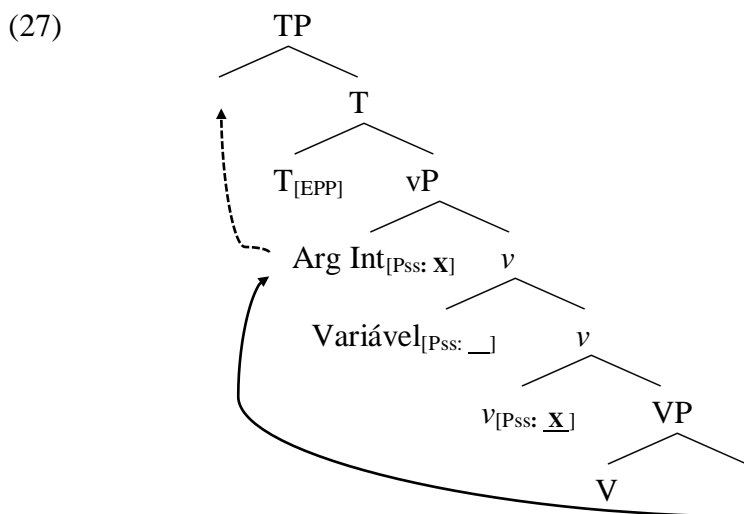
Considerar que uma variável pode ocupar a posição de argumento externo violaria o Princípio A. No entanto, Schäfer (2007) propõe que tal violação garantiria uma interpretação expletiva da variável em LF. Essa interpretação expletiva do argumento externo é o que garante a intransitividade semântica dos anticausativos:

(26) Construção Anticausativa



O problema da estrutura transitiva para anticausativos, no entanto, é que esta apresenta o núcleo de fase *v*. Quando *v* projeta seu argumento externo, os elementos c-comandados por *v* sofrem Spell-Out e passam a não ser mais acessíveis pelo sistema computacional ou, ao menos, não enquanto um objeto divisível (ver Matushansky, 2006). Nesse caso o argumento interno não pode mover-se à posição de sujeito e o argumento externo, a variável, não possui os traços necessários para satisfazer EPP (fi-defectivo). A derivação de anticausativos seria, portanto, agramatical.

Por outro lado, há evidências no trabalho de Sigurðsson (2000, 2003) e Marantz (2006) de que o Caso nominativo pode ser atribuído dentro do domínio de *vP*. Se assumimos que Caso é uma consequência dos requisitos de Agree e que *v* é um núcleo que entra em relação de Agree com seu argumento externo (Legate 2003, Wurmbrand 2006), é possível explicar que o argumento interno de uma estrutura anticausativa é alçado para uma posição acima do argumento externo de forma a satisfazer os requisitos de *v*. A realização dessa operação de Agree com *v* desencadeia o Spell-Out do conteúdo c-comandado pelo núcleo da fase verbal, *v*. Nesta implementação, o argumento que atua como alvo da sonda *v* fica disponível para satisfazer EPP em Spec de T.



Cabe ressaltar que no momento em que o argumento interno se move para realizar Agree com *v*, não há valoração dos traços-fi da variável por este argumento interno. Conforme apontado em Schäfer (2007), isso violaria um princípio de prevenção de “ambigüidade letal” (cf. McGinnis, 2004) que impede a ligação entre dois especificadores do mesmo núcleo. Os traços-fi da variável, no entanto, estão sujeitos a receberem um valor por meio de cópia de traços pós-sintaticamente, o que permite concordância da variável com o sujeito (argumento interno), como visto em português abaixo:

- (28) a. O Pedro se machucou.
 b. Eu **me** machuquei.
 c. Nós **nos** machucamos.

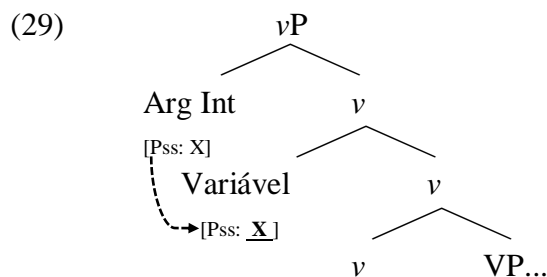
Lidamos com estes processos a seguir.

3.2 ITENS DE VOCABULÁRIO

No caso de construções reflexivas, a concordância entre as marcas e o antecedente vista em algumas línguas (como o português) pode ser explicada pela própria valoração dos traços de pessoa da variável pelo antecedente. No entanto, no caso das marcas em verbos anticausativos, seus traços não podem ser valorados pelo argumento interno (que é promovido a sujeito) em nenhum momento da sintaxe estrita: nem quando o argumento interno está *in situ*, pois não há c-comando entre este e a variável e nem quando o argumento interno se move para satisfazer Agree-*v*, pois violaria o princípio de McGinnis (2004).

Este princípio está relacionado a um problema de interpretação, o que significa que nada impede que ele não se aplique após o Spell Out de uma dada estrutura. Dentro do modelo da Morfologia Distribuída, muitos trabalhos propuseram que os fenômenos morfológicos de concordância vistos em diversas línguas podem ser derivados no caminho entre o Spell Out da sintaxe estrita até a Inserção Vocabular (cf. Noyer 1997, Pfau 2009, Bobaljik 2008, Kramer 2009, entre outros). Para Noyer (1997), traços de um nó terminal podem ser copiados para outro gerando os efeitos de concordância vistos entre gênero, número e pessoa em muitas línguas. Pfau (2009) mostra que esse tipo de sistema pode dar conta de alguns efeitos de processamento relacionados a concordância, como: *A maior parte das pessoas são inteligentes* vs. *A maior parte das pessoas é inteligente*.

Esse sistema de cópia de traços pode valorar os traços de pessoa do argumento externo dos verbos anticausativos após Spell Out. Isso garante à estrutura a correta interpretação anticausativa em LF e ao mesmo tempo a concordância entre o sujeito e a variável vista em algumas línguas.



Para anticausativos, os expoentes fonológicos inseridos para a variável que tem seus traços valorados pós-sintaticamente serão os mesmos que os inseridos no caso de uma variável que tenha seus traços valorados durante a derivação sintática pré-Spell Out, como no caso das construções reflexivas. Ambas estão sujeitas à inserção de conteúdo fonológico pelos mesmos Itens de Vocabulário dado seu status de variáveis.

Variáveis (anáforas) distinguem-se de outros tipos de nomes, tais como expressões referenciais e pronomes, por apresentarem um conjunto de traços que não é originário da numeração. Essa diferença é importante no momento da Inserção Vocabular, uma vez que as línguas distinguem fonologicamente anáforas dessas outras expressões semelhantes. Para representar essa diferença, os Itens de Vocabulário que dirigem a inserção dos expoentes de uma variável apresentam sublinhados os valores de traços obtidos durante a derivação:

- (30) a. Pss: [locutor][participante][pl] *Valores originários da numeração*
 b. Pss: [locutor][participante][pl] *Valores obtidos na derivação*

Línguas eslavicas, como o russo, não parecem apresentar esse tipo de concordância em nenhum tipo de anáfora (ver também Faltz, 1977 e Geniusienie, 1987). Os exemplos abaixo mostram as marcas sincréticas em reflexivos (a, b) e em anticausativos (c, d) e na primeira e terceira pessoas e não há mudanças em suas formas:

- (31) a. **Ja** umyl-**sja**.
 Eu lavei-SE.
 “Eu me lavei.”
 b. **On** umyl-**sja**.
 Ele lavou-SE.
 “Ele se lavou.”
 c. **Ja** prosnul-**sja**.
 Eu acordei-SE.
 “Eu acordei.”
 d. **On** prosnul-**sja**.
 Ele acordou-SE.
 “Ele acordou.”

Tal comportamento sugere que a forma fonológica da variável é sub-especificada para os traços de pessoa, embora estes sejam necessários em LF para a interpretação anafórica nos casos de reflexividade. Os Itens de Vocabulário nesses casos devem inserir as formas *-sja* baseando-se apenas em seu status de variáveis. O sublinhado vazio na regra de Item de Vocabulário indica que o expoente fonológico está especificado para qualquer valor de traço de pessoa que tenha sido obtido no curso da derivação:

- (32) a. /sja/ → Pss: _____

3.3 SOLUCIONADA A PRIMEIRA QUESTÃO

A proposta apresentada nesta seção uniformiza a análise de reflexivos e anticausativos. Ambos são marcados pelo mesmo morfema porque tomam o mesmo tipo de argumento, um DP que não apresenta valores para traços-fi na numeração. Se esse DP ocupa a posição de argumento interno, o argumento externo é capaz de fornecer esses valores, derivando-se uma construção reflexiva. Se esse DP ocupa a posição de argumento externo, no entanto, nenhum outro argumento do verbo pode fornecer esses valores, e o DP é interpretado como um expletivo em LF, derivando-se um verbo anticausativo: sintaticamente transitivo e semanticamente intransitivo.

Os méritos dessa proposta são vários: dá conta da direcionalidade da alternância que produz anticausativos, dá conta do sincretismo de anticausativos e reflexivos, e a análise para os reflexivos é transitiva, que se mostrou uma alternativa menos problemática (seção 2). Há, porém um problema não mencionado: no caso dos verbos anticausativos, fica claro que a variável não recebe Caso. Isso é solucionado por Schäfer (2007) por assumir que, em alemão, Acusativo é um Caso *default* e que a marca recebe esse Caso com o movimento do argumento interno sobre ela para obter Caso Nominativo de *v*. Assumindo uma proposta de Agree-múltiplo, o autor diz que o argumento interno é capaz de valorar os traços-fi da variável nessa posição, sem que haja efeitos semânticos.

Na nossa versão, no entanto, essa valoração foi substituída pela cópia pós-sintática de traços. E a ausência de Caso para a marca exige uma explicação. Essa explicação é dada na seção a seguir, e constitui a chave para a resposta da segunda questão: por que as marcas decausativas são sincréticas com as marcas reflexivas curtas, dependentes, e não com as longas? Ou seja, qual a razão da sistemática dependência morfológica das marcas decausativas?

4. CASO, ROTULAÇÃO E DEPENDÊNCIA MORFOLÓGICA

O status do primitivo Caso na Teoria Gerativa está muito longe de ser algo facilmente explicável (ver Bobaljik & Wurmbrand, 2008). Dentro da teoria de Regência & Ligação (Government & Binding), a Teoria do Caso atuava como um módulo que motiva operações de movimento e como condição de visibilidade dos papéis-temáticos em LF. Dentro do Programa Minimalista, especialmente no contexto do modelo de Agree (Chomsky, 2001), Caso foi tomado como contraparte da valoração de traços: quando um DP valora os traços-fi

de um núcleo, Caso é atribuído a tal DP. Em Chomsky (2008), Caso foi considerado como um ativador de uma relação Agree: α pode participar em Agree se e somente se houver um traço não-valorado. Como DPs apresentam traços-fi, eles precisam de algum outro traço não-valorado para ingressar em uma relação de Agree. Este traço é Caso.

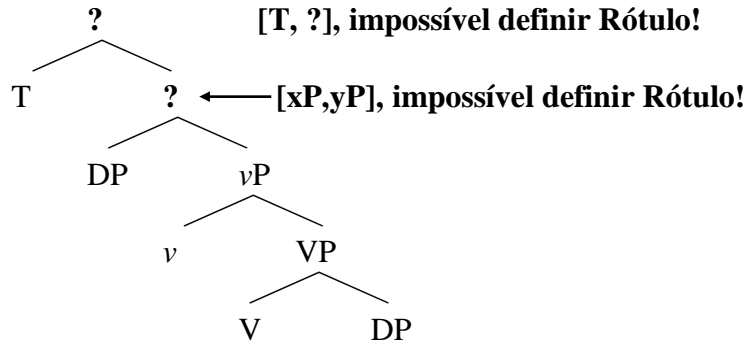
Enquanto estas discussões fazem parte do que se entende por Caso em Sintaxe, trabalhos como Bobaljik (2008) e Caha (2009) mostram que caso Morfológico não parece necessariamente acompanhar o que se prevê em termos de Caso Sintático. Mais ainda, caso morfológico parece estar mais relacionado a outros algoritmos, relacionados a hierarquias e localidade. Portanto, se o sistema Agree já é suficiente para motivar os movimentos durante a derivação sintática, qual é a necessidade do primitivo Caso?

Saito (2014) traz uma interessante consideração ao relacionar a ausência de concordância em termos de traços-fi em japonês (Saito 2007; Takahashi 2008) e o *scrambling* da língua. Levando em conta a condição de ativação em Chomsky (2008), se não há Agree motivado por traços-fi em japonês, por que argumentos moveriam para posições denominadas posições de Caso? Tomando a proposta de Boskovic (2007) de que DPs apresentam traços de caso não valorados, atuando como sondas, é possível contornar a condição de ativação de Chomsky (2008). A questão, então, seria por que os DPs em japonês sondam um valor para Caso?

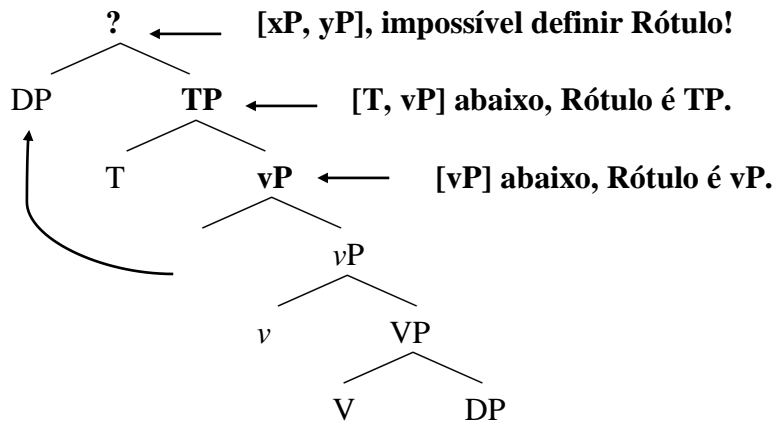
Em Chomsky (2013) há a reflexão de que operações de Concatenação (*Merge*) sempre acarretam em Rotulação (*Labeling*). Nesse caso, o problema é determinar qual o rótulo dado ao resultado de uma concatenação. Normalmente núcleos são o padrão: um núcleo sempre projeta, atribuindo seu rótulo a qualquer concatenação em que participe. No entanto há duas situações ambíguas: a primeira é quando dois núcleos se concatenam e a segunda, quando dois sintagmas se concatenam.

Para Chomsky (2013), nos casos de ambiguidade, o algoritmo de rotulação não é capaz de estabelecer um rótulo e para a boa formação da sentença, um dos elementos numa concatenação ambígua deve mover-se de tal posição:

(33) a.

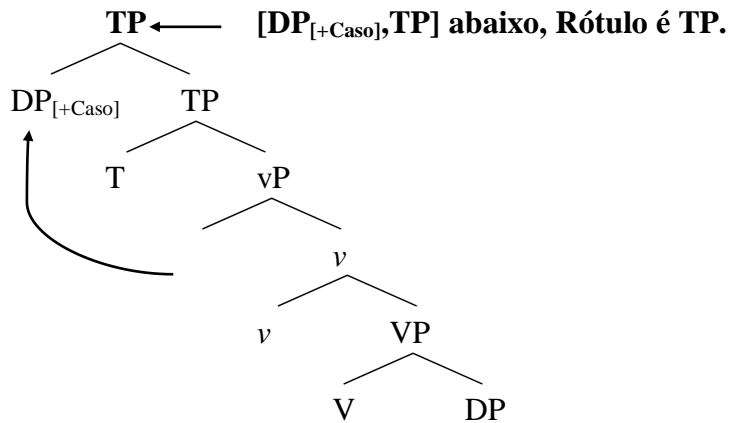


b.



Baseando-se no fato geralmente observado nas línguas de que um DP em uma posição de Caso nunca projeta seu Rótulo, Saito (2014) propõe que Caso pode ser compreendido como um dispositivo anti-Rotulação.

(34)



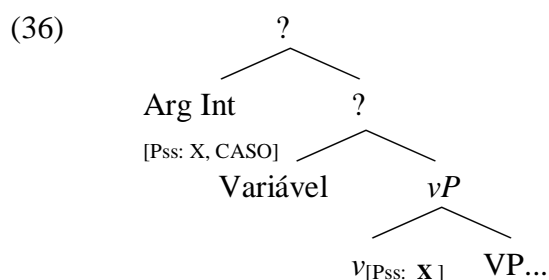
De acordo com o autor, o fato de que Japonês não apresenta concordância em termos de traços-fi permite que mais de um DP mova-se para uma posição de Caso, gerando *scrambling* na língua, um fenômeno comumente observado (Kuroda 1988):

- (35) Bunmeikoku-ga dansei-ga heikinzyumyoo-ga mizika-i
 Civilizado.país-NOM homem-NOM expectativa.de.vida-NOM curta-PRES.

“É em um país civilizado que a expectativa de vida do homem é curta.”

(Saito, 2014: 1a)

Se consideramos essa proposta de Rotulação e que Caso é atribuído ao argumento interno de um verbo anticausativo quando este entra em uma relação de Agree com v , a estrutura levando em conta o que se disse na seção anterior segue abaixo:



Como vemos, se variáveis são DPs (Heinat 2006, Reuland 2001), é impossível estabelecer um Rótulo no ponto de concatenação da variável com v : tanto vP como a Variável na árvore acima são sintagmas. Quando o argumento interno se move para valorar os traços-fi de v também é impossível determinar um Rótulo, devido ao fato deste argumento concatenar-se em um ponto cujo rótulo também é indefinido.

Nota-se que o algoritmo de Rotulação não conseguirá atribuir um rótulo para as demais concatenações na estrutura até que seja resolvido o problema da ausência de caso da Variável. Esse problema, no entanto, não pode ser resolvido por simples movimento na sintaxe, uma vez que não há traços formais que motivem algum tipo de movimento dessa variável para outra posição. Antes de propor a solução para o problema da Rotulação, no entanto, cabe levantar uma questão mais importante: quais problemas a indefinição dos Rótulos apresentam para a derivação?

Tomemos três considerações: (i) a de que Rótulos são requisitos para a interpretação da estrutura nas interfaces (PF/LF), conforme assumido em Chomsky (2013), (ii) a proposta de Collins (2002) de que é possível determinar qual nó está projetando por verificar qual a saturação de cada nó em uma relação de merge (concatenação), não justificando a necessidade de rótulos ao menos na derivação sintática estrita (antes do Spell-Out) e (iii) a propriedade da inserção tardia de conteúdo fonológico na estrutura, típica da Morfologia Distribuída, de

forma que a partir de um ponto na derivação a caminho de PF, traços formais deixam de ser visíveis.

Se as três considerações acima estão, ao mesmo tempo corretas, conclui-se que os Rótulos podem ser cruciais para a derivação entre a inserção de conteúdo fonológico na estrutura e a interface com PF, momento no qual os traços formais não estão mais visíveis para a derivação, impossibilitando a definição de qual nó é saturado e qual não o é. Nota-se que no caminho para LF, os traços formais continuam presentes e a noção de saturação dos nós (Collins 2002) poderia ser utilizada para a interpretação em LF.

Além disso, uma das soluções que Chomsky (2013) apresenta para contornar o problema da ambiguidade na determinação dos rótulos é o movimento de um dos elementos ambíguos. Considerando que movimento é, na verdade, uma metáfora para cópia e re-concatenação, se as duas cópias são analisadas como elementos independentes, a ambiguidade permaneceria para fins de rotulação, ao menos no caminho até LF, em que as cópias são interpretadas em sua posição original (cf. Hornstein 1999, 2001, Nunes 2004, entre outros)⁸. Por outro lado, no caminho para PF, apenas as cópias superiores e aquelas em domínio morfológico (segundo Boeckx, Hornstein & Nunes, 2007) seriam realizadas. Nesse caso, sim, movimento (e incorporação) poderão ter um efeito significativo com relação à solução das ambiguidades para o algoritmo de rotulação: se um nó não é realizado fonologicamente, ele é invisível para o algoritmo.

Para PF os rótulos seriam a única forma de informar quais tipos de constituintes morfossintáticos estão sendo enviados para a interpretação no componente Articulatório-Perceptual. Entre os argumentos importantes para Inserção Tardia, fornecidos em Marantz (1997), está o de que a estrutura prosódica é construída a partir da estrutura de constituintes sintáticos⁹. Sendo assim, o tipo de informação veiculado pelos rótulos é relevante para PF e o algoritmo de rotulação surge, provavelmente, para satisfazer a necessidade dessa informação que não pode ser obtida a partir do estabelecimento do que é saturado ou não por conta da inacessibilidade dos traços formais após a inserção vocabular.

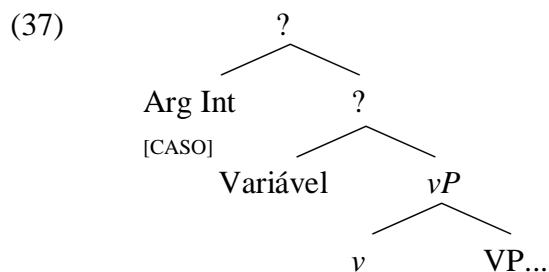
Se essas considerações estão corretas, é possível propor que cada nó terminal recebe um rótulo no momento da inserção vocabular, e tal rótulo é estabelecido de acordo com os traços

⁸ Para Chomsky (2013), na verdade, a existência de uma cópia inferior não geraria ambiguidades caso se considere que ela forme, juntamente com a cópia superior, um único elemento descontínuo e que, portanto, não é mais totalmente contido no constituinte a ser rotulado. Isso envolve analisar as cópias como não sendo dois elementos independentes, ao contrário do pensamento mais convencional. Essa ideia é importante para garantir que os rótulos estejam disponíveis de forma adequada também em LF, algo que o presente trabalho prefere não compartilhar da proposta do autor.

⁹ Ambas não coincidem, mas é crucial que a primeira seja mapeada na segunda para que sejam derivados os efeitos desejados.

presentes nos nós. Com o estabelecimento destes rótulos, o algoritmo se aplica da forma como é proposta: nós terminais sempre projetam seu rótulo. A projeção é interrompida quando (i) o algoritmo encontra outro nó terminal ou (ii) quando um nó (não-terminal) está marcado com um traço de Caso, impedindo a extensão da projeção.

Voltando às marcas decausativas, o que ocorrerá após a inserção de conteúdo fonológico em uma estrutura com um verbo anticausativo será a impossibilidade de se determinar um rótulo para a concatenação da variável (marca decausativa) com *vP*: por se tratar de uma concatenação envolvendo dois sintagmas (DP e *vP*) realizados fonologicamente nesta posição, a ambiguidade seria solucionada apenas se a variável apresentasse o traço Caso, que, neste tipo de construção é atribuído ao Argumento Interno que se desloca sobre a variável:



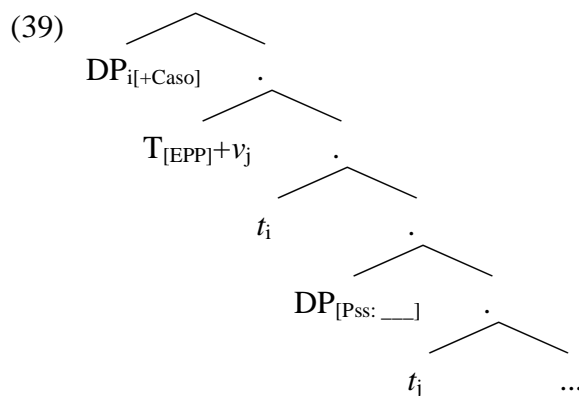
Para a Morfologia Distribuída, no entanto, há uma alternativa. Esta é chamada de Deslocamento Local, uma operação disponível após a inserção de material fonológico e desencadeada pela própria constituição morfo-fonológica adquirida por um nó terminal após a Inserção Vocabular (ver Embick & Noyer, 1999). Deslocamento Local envolve a transposição de um nó terminal para o domínio de outro imediatamente adjacente:

- (38) *Deslocamento Local*
- a. [X [Y [Z]]] Estrutura de Constituintes
 - b. [X [Y * Z]] Deslocamento Possível-1
 - c. [X * Y [Z]] Deslocamento Possível-2
 - d. [X * Z [Y]] Deslocamento Impossível

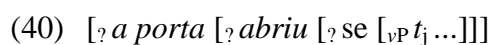
Esta operação não segue os mesmos princípios do movimento em sintaxe, que se orienta por checagem de traços, e não apresenta os mesmos efeitos do mesmo. Da mesma forma que movimento é uma metáfora para a realização de um mesmo elemento em duas posições diferentes na estrutura sintática, Deslocamento Local pode ser compreendido como uma

metáfora para a simples reanálise de um elemento como parte do mesmo domínio de seu elemento adjacente. Dessa forma, a mesma projeção que domina um nó terminal X, dominará um nó terminal Y que se desloca para tal domínio. Como Deslocamento Local não envolve cópias, o problema da rotulação gerado por marcas decausativas é solucionado.

Para ilustrar isso, tomemos a sentença do português *a porta se abriu*. Trata-se de uma ocorrência da marca *se* mais comum em português europeu, mas a sentença não deixa de ser interpretada como anticausativa em português brasileiro. O output da derivação sintática estrita, anterior à Inserção Vocabular, segue abaixo, tendo em conta que os rótulos presentes são apenas abreviações tanto da estrutura envolvida como do conteúdo dos nós terminais em termos de traços.

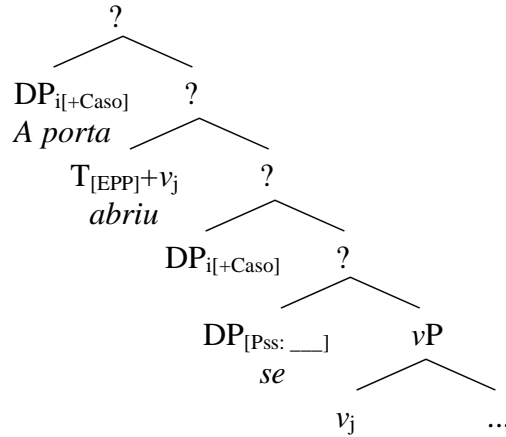


Com a Inserção Vocabular, a marca *se* seria inserida no nó terminal da variável $DP_{[Pss: ___]}$. Caso esta marca não sofra Deslocamento Local, o algoritmo de rotulação aplicado após a Inserção Vocabular não será capaz de aplicar rótulos para os níveis hierárquicos acima da variável, por haver ambiguidade entre DP e vP .

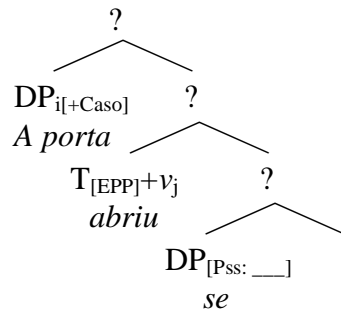


No entanto, se *se* é um expoente fonológico marcado para ser analisado dentro do domínio do elemento fonologicamente realizado adjacente, a rotulação da estrutura hierárquica é possível:

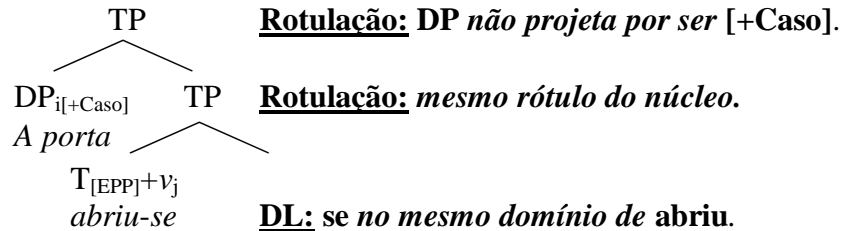
(41) a. *Inserção Vocabular e Previsão de Rotulação*



b. *Apagamento dos Nós sem Exponência Fonológica:*



c. *Deslocamento Local (DL) e Rotulação:*



Se as marcas reflexivas curtas estiverem marcadas para sofrer Deslocamento Local, como é possível deduzir de sua dependência morfológica, a marcação de verbos anticausativos pode ser vista como um caso de super-aplicação das variáveis na estrutura. Para satisfazer os requisitos de transitividade da estrutura de um verbo anticausativo, uma variável pode ocorrer na posição de argumento externo, ser interpretada como expletivo em LF, e o Deslocamento Local que seu expoente sofre garante que a Rotulação se realize sem problemas. Solucionando a segunda questão: por conta dos problemas que a variável sem Caso potencialmente Acarreta para rotulação, sua ocorrência em verbos anticausativos só é possível se ela está sujeita a reanálise morfológica, via Deslocamento Local.

Cabe observar, no entanto, que outras estratégias de reanálise morfológica da variável dentro do domínio do verbo, como movimento de núcleo, produziriam um efeito semelhante.

No entanto, movimento de núcleo do argumento externo para o verbo viola o denominado Head Movement Constraint (Travis, 1984), e tem sido uma alternativa desconsiderada para a análise desse tipo de marca (ver também Harley, 2012). Outras estratégias, no entanto, podem ser levadas em conta, como a pseudo-incorporação de agentes (Öztürk, 2005). Por questões de espaço, essa alternativa não é discutida no presente artigo, mas cabe notar que as diferenças entre incorporação durante a sintaxe e após a sintaxe (Deslocamento Local) apresentam efeitos importantes especialmente na ocorrência das marcas em contextos reflexivos e passivos, conforme discutido em Lazzarini-Cyrino (2014)¹⁰.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo foi possível mostrar um caso em que a sistemática dependência morfológica pode apresentar uma explicação sem que se recorra ao argumento de derivação em um componente independente (Léxico): as marcas de verbos anticausativos. Essas marcas apresentam, além da sistemática dependência morfológica, o sistemático compartilhamento por verbos reflexivos. Sua ocorrência em contextos de ECM e anáfora de longa distância, no caso de reflexividade, desafia análises Lexicais. Além disso, mostrou-se que os mesmos fenômenos também impõem desafios para análises que consideram a marca como uma categoria funcional.

Considerando os verbos anticausativos, pode-se observar que o comportamento das alternâncias que os produzem em relação a outras alternâncias de valência, como as lábeis, sugere que esse tipo de marca apresenta uma função muito específica: garantir a transitividade estrutural. A forma de implementar essa característica em termos teóricos foi a vista em Schäfer (2007), que dá conta também do sincretismo dessas marcas com reflexivos: ambas as marcas são variáveis no sentido de não terem traços-fi (especificamente, de pessoa) valorados na numeração. A interpretação dessas marcas depende dessa valoração em sintaxe estrita, o que somente pode ocorrer se essas marcas ocupam uma posição c-comandada por um argumento pleno. Isso ocorre no caso de reflexivos, mas não no de anticausativos, em que a marca ocupa a posição de argumento externo.

A dependência morfológica dessas marcas está relacionada justamente ao fato de não obterem traços-fi durante a derivação sintática, não as permitindo obter Caso. A ausência de caso para um DP que não pode se mover constitui um problema para o Algoritmo de

¹⁰ Essa implementação é discutida amplamente em minha tese de Doutorado, que será disponibilizada em meados de 2015.

Rotulação (Saito, 2014). Esse problema pode ser contornado se a marca é reanalisada morfológicamente dentro do domínio verbal. Apresentamos a operação de Deslocamento Local (Embick & Noyer, 1999) como uma opção para tanto.

Dessa forma, a marcação de verbos anticausativos pode ser compreendida como um caso de super-aplicação das marcas reflexivas morfológicamente dependentes. Tais marcas ocorrem na posição de argumento externo para garantir a estrutura transitiva de um verbo que contém apenas o argumento interno interpretável. Isso só é possível porque existem, no inventário de feixes de traços da língua (Lista 1), DPs que apresentam traços-fi não-valorados e que são especificados para um expoente fonológico marcado para Deslocamento Local. Em outras palavras, elas só existem se a língua apresenta marcas reflexivas curtas e dependentes morfo(fono-)logicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBOIU, G., BARRIE, M. & FRIGENI, C. SE and the Unaccusative-Unergative Paradox. In: Coene, M., Cuyper, G. & D'Hulst, Y. (orgs.) *Antwerp Papers in Linguistics 107*. Universiteit Antwerp. 2004.
2. ALEXIADOU, A. & ANAGNOSTOPOULOU, E. Voice Morphology and the Causative-Inchoative Alternation. In: Alexiadou, A.; Alexiadou, E.; Everaert, M. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass. 2004.
3. ANDERSON, S. Where's morphology? *Linguistic Inquiry*, 1982.
4. BOBALJIK, J. Where's Phi? Agreement as a Post-Syntactic Operation. In Daniel Harbour, David Adger and Susana Béjar. *Phi-Theory: Phi features across interfaces and modules*. Oxford University Press, pp. 295-328. 2008.
5. BOBALJIK, J. & WURMBRAND, S. *Case in GB/Minimalism*. Ms. 2008.
6. BOECKX, C., HORNSTEIN, N. & NUNES, J. Copy-reflexive and Copy-control Constructions: A Movement Analysis. *Linguistic Variation Yearbook* 8:61-99. 2007.
7. BOSKOVIC, Z. On the locality and motivation of Move and Agree: An even more minimal theory. *Linguistic Inquiry* 38: 589-644. 2007.
8. BOUCHARD, D. *On the Content of Empty Categories*. Studies in Generative Grammar, 14. Foris. 1984.
9. BURZIO, L. *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Reidel. 1986
10. CAHA, P. *The nanosyntax of case*, Tese de Doutorado, Tromsø. 2009.

11. CARDINALETTI, A. & STARKE, M. *Deficient pronouns: A view from Germanic. A study in the unified description of Germanic and Romance*. In H. Thrainsson; S.D. Epstein. (eds.) *Studies in Comparative Syntax Volume II*, pp. 21-65. Dordrecht: Kluwer. 1996.
12. CHIERCHIA, G. A semantics for Unaccusatives. In: Alexiadou, A.; Alexiadou, E.; Everaert, M. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass. 2004.
13. CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: Jacobs, I. & Rosenbaum, P. *Readings in English Transformational Grammar*. Mass. 1970
14. CHOMSKY, N. Derivation by Phase. *Ken Hale: A Life in Language*. Kenstowicz, Michael (ed). Cambridge, Mass: MIT Press. pp. 1-54. 2001.
15. CHOMSKY, N. On Phases. In: Freidin, Otero & Zubizarreta. *Foundational Issues in Linguistic Theory*. Cambridge: MIT Press. pp. 133-166. 2008.
16. CHOMSKY, N. Problems of Projection. *Lingua* 130. 33-49. 2013.
17. COLLINS, C. Eliminating Labels. In: Samuel Epstein & David Seely. *Derivation and Explanation in the Minimalist Program*. Malden, MA. Blackwell. 2002.
18. DORON, E. Agency and Voice: The Semantics of the Semitic Templates. In: *Natural Language Semantics*, 11: pp. 1-67. 2003.
19. DORON, E. & RAPPAPORT-HOVAV, M. A Unified Approach to Reflexivization in Semitic and Romance. *Brill's Annual of Afroasiatic Languages and Linguistics*. 2009.
20. EMBICK, D. Voice Systems and the Syntax-Morphology Interface. *The Proceedings on Penn/MIT Workshop on Aspect, Argument Structure and Events*. 1998.
21. EMBICK, D. Unaccusative Syntax and Verbal Alternations. In: In: Alexiadou, A.; Alexiadou, E.; Everaert, M. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass. 2004.
22. EMBICK, D. & NOYER, R. Locality in Post-Syntactic Operations. *MIT WPL*, 34 pp. 265-317. 1999.
23. GENIUSIENIE, E. *The Typology of Reflexives*. Amsterdam: Mouton de Gruyter. 1987.
24. GIVON, T. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, vol I. Benjamins Pub & Co. 1990.
25. FALTZ, L. *Reflexivization: A Study in Universal Syntax*. Tese de Doutorado, Univ. Califórnia, Berkeley.
26. HAIMAN, J. Iconic and Economic Motivation. *Language*, 59. 1983.
27. HARLEY, H. *External Arguments and the Mirror principle: On the Distinctness of Voice and v*. Ms. 2012.
28. HASPELMATH, M. Transitivity Alternations of the Anticausative Type. Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft. Arbeitspapier Nr. 5 (Neue Folge) 1987.
29. HASPELMATH, M. More on the typology of causative/inchoative verb alternations. In: Comrie, B. & Polinsky, M. *Causatives and Transitivity*. Amsterdam, John Benjamins. 1993.
30. HASPELMATH, M. "A frequentist explanation of some universals of reflexive marking." *Linguistic Discovery* 6.1:40-63. 2005.

31. HEINAT, F. Probing Phrases, Pronouns and Binding in the Minimalist Program. Tese de Doutorado, Lund University. 2006.
32. HORNSTEIN, N. Move! A minimalist theory of Construal. Malden: Blackwell Publishing. 2001.
33. KALLULLI, D. A Unified Analysis of Reflexives, Passives and Unaccusatives. *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics* 6. pp 201-225. 2006.
34. KAPITONOV, A. Russian Binding Issues. Ms 2008.
35. KEMMER, S. The Middle Voice. Amsterdam, John Bejamins. 1993
36. KEY, G. The Causative/Inchoative Alternation and the Decomposition of Little-*v*. *Coyote Papers* 19. 2012.
37. LAZZARINI-CYRINO, J. P. Against Lexical Reduction. *Proceedings on the IX Workshop on Formal Linguistics*, 2012. Rio de Janeiro. 2013.
38. LAZZARINI-CYRINO, J. P. Morphological Properties of Passive/Reflexive Marks Cross-Linguistically and their Multifunctionality. *Contemporary Issues on Linguistics and Languages, LILA 14'* pp. 149-157. Istanbul: Dakam. 2014.
39. LEGATE, J. A. Some Interface Properties of Phase. *Linguistic Inquiry* 34.3 2003.
40. LUBOWICZ, A. Two views of Polish reflexives // WCCFL 18, 1999.
41. MARANTZ, A. On The Nature of Grammatical Relations, MIT Press. 1984.
42. MARANTZ, A. No Escape from Syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon. 1997.
43. MCGINNIS, M. Lethal Ambiguity. *Linguistic Inquiry* 35. pp 47-95. 2004.
44. NEDJALCOV, V. & SILNICKIJ Nekotorye Verojatnostnye universalii v glagol'nom slovoobrazovanii. *In: Vardul, I. (org) Jazykovye Universalii i Lingviceskaja Tipologija*. Moskva: Nauka. pp.106-114. 1969.
45. NEDJALCOV, V. & SILNICKIJ The Typology of Morphological and Lexical Causatives. *In: Kiefer, F. Trends in Soviet Theoretical Linguistics*. Doordrecht: Reidel. pp. 1-32.
46. NOYER, R. Features, Positions and Affixes in Autonomous Morphological Structure. New York: Garland Publishing. 1997.
47. ÖZTÜRK, B. Pseudo-Incorporation of Agents. *UPenn Working Papers in Linguistics* 11. 213-226. 2005.
48. PESETSKY, D. & TORREGO, E. The syntax of Valuation and Interpretability of Features. *Phrasal and Clausal Architecture: Syntactic Derivation and Interpretation*. pp. 262-294. 2007.
49. PFAU, R. Grammar as Processor: A Distributed Morphology account of Spontaneous Speech Errors. Amsterdam: John Benjamins. 2009.
50. RAPPAPORT-HOVAV, M. & LEVIN, B. Lexicon Uniformity and the Causative Alternation. *In: M. Everaert, M. Marelj and T. Siloni. The Theta System: Argument Structure at the Interface*. Oxford University Press. 2011.
51. REINHART, T. & REULAND, E. Reflexivity. *Linguistic Inquiry*, 24. MIT Press. 1993.

52. REINHART, T. & SILONI, T. Against the unaccusative analysis of Reflexives. In: Alexiadou, A.; Alexiadou, E.; Everaert, M. *The Unaccusative Puzzle*. Cambridge, Mass. 2004.
53. REINHART, T. & SILONI, T. The Lexicon-Syntax Parameter: Reflexivization and other Arity Operations. *Linguistic Inquiry*, 36. 2005.
54. REULAND, E. *Anaphora and Language Design*. Cambridge: MIT Press. 2011
55. ROSS, J. R. *Constraints on Variables in Syntax*. PhD. Dissertation. MIT.
56. SAITO, M. Case and Labeling in a Language without Phi-Feature Agreement. In Anna Cardinaletti, Guglielmo Cinque & Yoshio Endo (eds.), *On Peripheries*. Tokyo: Hituzi Syobo. 2014.
57. SCHÄFER, F. *On the nature of anticausative morphology: External arguments in change-of-state contexts*. Doctoral Dissertation, University of Stuttgart. 2007
58. SIGURDSSON, H. A. The locus of case and agreement. *Working Papers in Scandinavian Syntax* 65. 65-108. 2000
59. SIGURDSSON, H. A. The Silence Principle. In Lars-Olof Delsing, Cecilia Falk, Gunlög Josefsson, and Halldór Ármann Sigurðsson (eds.) *Grammatik i fokus / Grammar in Focus II, Festschrift for Christer Platzack 18 November 2003*, pp. 325-334. Lund: Scandinavian Department. 2003.
60. TRAVIS, L. *Parameters and Effects of Word Order Variation*. Doctoral Dissertation, MIT. 1984.

ABSTRACT: The present paper deals with the markings of anticausative verbs, which present two crucial characteristics: morphological dependency and syncretism, especially with reflexive markings. These properties are explained by an account considering Distributed Morphology's developments and recent approaches towards Case and Labeling (Saito, 2014). An important conclusion is that morphological dependency is not a necessary evidence for a Lexical approach to certain categories.

KEYWORDS: valency; syncretism; affix.

Artigo recebido em 30 de novembro de 2014.

Artigo aceito para publicação no dia 16 de março de 2015.